

A POESIA INFANTOJUVENIL COMO GÊNERO TEXTUAL NO ÂMBITO ESCOLAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Clarice Cardoso de Moraes; Amador Ribeiro Neto

Universidade Federal da Paraíba
claricemorais21@gmail.com
amador.ribeiro17@gmail.com

Resumo: Ser inserido em um contexto escolar como um leitor literário é fundamental no processo de ensino-aprendizagem; no entanto, em nossa conjuntura atual, esse fator de grande importância não tem sido pensado como merece. Reconhecendo isso, buscamos inserir nesse artigo, através da literatura infantojuvenil, autores e autoras que entendam este público como sujeito poético de sua própria leitura. Tentamos refletir sobre as formas com que a poesia tem sido mostrada e apresentada na sala de aula, principalmente no ensino fundamental e por que muitas escolas ainda privam o aluno do texto poético, muitas vezes a poesia é vista de forma prosódica, o que impede os educandos de formarem suas identidades de leitores poéticos. A partir disso, tentamos mostrar novas formas para leitura e estudo da poesia na sala de aula. Buscamos associar a poesia com o cotidiano dos estudantes, por meio de práticas pedagógicas, demonstrando de forma lúdica e interdisciplinar que estamos inseridos em um contexto poético, que a poesia não é um gênero textual distante, mas que faz parte do nosso dia a dia, estimulando-os a adquirir o hábito de ler e entender poesias, além de protagonizar a construção de seu próprio saber, com intenção de resgatar o prazer da leitura poética. Como referencial teórico, utilizamos os livros: *Poesia na sala de aula*, de Hélder Pinheiro (1995), *Reflexões sobre o ensino da poesia* de Ana Elvira Gerbara (2011), e o artigo: *Como e por que trabalhar com a poesia na sala de aula*, de Eliseu Ferreira da Silva e Wellington Gomes de Jesus (2011).

Palavras chave: Leitor de poesia, Poesia infantojuvenil, Sala de aula.

1.Introdução

Analisando a atual realidade presente nas salas de aula de ensino fundamental e médio, essa pesquisa foi pensada afim de entender o real motivo da poesia ser excluída e posta em segundo plano quando se trata dos interesses da educação, percebendo que a prosa tem passado por um processo de supervalorização em relação à poesia, com a justificativa de que o texto prosódico é algo relevante e sério, como se o texto poético não o fosse. Além disso, é de nosso interesse contribuir para inserir no contexto escolar dos alunos, o gênero literário poético, ressaltando seus benefícios e sua importância para a formação de leitores como sujeitos de sua própria leitura. Por saber que a importância desse gênero em muitos momentos tem sido ofuscada dos livros didáticos e não tem tido o reconhecimento que merece, visamos desconstruir os preconceitos estabelecidos por estudantes e também professores em relação ao texto poético, afim de incentivar e tornar a prática do estudo e da leitura da poesia algo rotineiro na vida escolar de todos os estudantes.

2.Contexto poético literário na escola

Muitos estudos apontam que uma das grandes dificuldades de inserir poesia na sala de aula é a distância que os estudantes e, muitas vezes os professores acreditam existir na relação aluno e poesia. Distância essa que, sabemos não ser verdadeira, pois todo indivíduo, impreterivelmente, está inserido em um contexto literário.

Entendemos a poesia como linguagem em sua carga máxima de significado e reflexão, poesia-pensante, poesia crítica e formadora de opinião, mas também como arte, dança, ritmo, som, sentimento e emoção, poesia como função social. A partir desse pressuposto, compreendemos que a poesia não pode ser apresentada como algo distante de nós, dos alunos ou do âmbito escolar. A poesia é parte significativa da sociedade na qual os sujeitos, futuros leitores poéticos estão inseridos.

Para que a poesia possa exercer sua função social, é imprescindível que haja o contato dos estudantes com textos poéticos, sem interação com o texto é impossível estabelecer essa relação de leitura que tanto procuramos. No entanto, esse contato tem sido tardio ou até inexistente na vida escolar dos discentes, muitos têm seu primeiro encontro com a literatura apenas no ensino médio, e ainda assim, esse encontro não acontece devido à importância crítica e funcional da literatura, e sim pela necessidade de cumprir o currículo escolar, utilizando como apoio os livros didáticos, estes que, por sua vez, quase não mostram a poesia como ela realmente merece, grande parte deles se encontram ultrapassados, limitados e propõe sempre os mesmos exercícios sem funcionalidade

crítica, apenas gramatical, de forma utilitária, como se a poesia estivesse fora do contexto, algo que precisa ser encaixado por não possuir um espaço centralizado e importante só seu.

Conforme Ana Elvira Gerbara, chegada a poesia à sala de aula, determinadas perguntas a acompanham:

Como trabalhar com gêneros literários que não parecem fazer parte do cotidiano? Como torna-los significativos para os nossos alunos? Como trabalhar com a autoria em gêneros que exigem domínios da tradição e uma busca pela inovação recorte da matéria linguística e temática de forma singular? (GERBARA, 2011, p. 1).

Na maioria das vezes, os alunos conhecem o poema através do professor, quase sempre isso é o suficiente para que o poema seja trabalhado em sala de aula. Mas, o poema deve ser exposto de forma que possa esclarecer as condições descritas pelos poetas que escreveram e pelos que se basearam nesse poema para escrever também, ou seja, seus antecedentes (SILVA, 2011).

Dessa forma, ensinar poesia (em todos os seus subgêneros) é trabalhar o texto como resposta a uma necessidade, a alguém (o leitor), a um tempo definido. A poesia dentro dessa concepção é um modo de viver o mundo (ver, sentir, experimentar, projetar) e cada composição poética reflete quem somos, o que pensamos, sentimos e buscamos (GERBARA, 2011, p. 1)

Os poemas traduzem sentimentos, histórias, representações, manifestações das mais variadas formas que se pode encontrar, desde tempos pré históricos até os dias atuais. A poesia diz muito sobre a cultura popular de um povo, e pode ser facilmente identificada por seus ritmos e rimas, o que traz a possibilidade de resgatarmos o prazer da leitura oral em voz alta. Como dito, a poesia tem sido colocada em segundo plano nas salas de aula e também nos livros didáticos, quando consegue romper as barreiras e chegar até os alunos, aparece como um pretexto para se estudar a forma gramatical, Gerbara apresenta uma forma para que a poesia faça parte do cotidiano escolar, simplesmente pela sua importância, sem ser usada como degrau para alguma norma:

O primeiro caminho é o da fruição, ou seja, depois de tanto trabalho com o poema, precisamos recuperar a gratuidade da presença desses textos em sala simplesmente porque fazem parte da nossa cultura e são experiências variadas que o aluno precisa ter, para construir, pela interferência dessa presença, a sua leitura interpretativa, acompanhada de um gosto pessoal. (GERBARA, 2011, p. 11)

Na sala de aula, a poesia precisa se tornar uma prática habitual, tanto para os alunos, como para o professor. É inevitável levar em consideração que, as escolhas literárias do professor refletem muito no dia a dia de sua sala de aula, dessa forma, quando temos um professor que não lê poesia, e não sente prazer em levá-la para o cotidiano dos alunos, dificilmente esses alunos vão sentir interesse por essa leitura.

De acordo com Bamberger (1986, p. 74-75): “Está claro que a personalidade do professor e, particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce.”

Quando o próprio professor não se identifica ou simpatiza com o texto poético, dificilmente podemos esperar que seus alunos irão ser diferentes e conseguir transformar-se em sujeitos poéticos de sua própria poesia, os estudantes raramente conseguem ser convencidos por um professor que não tem o hábito da leitura.

3.Literatura e a formação de cidadãos críticos

Nem sempre as crianças da nossa sociedade foram vistas, entendidas e tiveram suas peculiaridades levadas em consideração, como é hoje. Nos séculos passados, as crianças ocupavam os mesmos lugares dos adultos, pode-se dizer que eram tidas como adultos em miniatura, eram tratadas como adultos, se vestiam com o mesmo tipo de roupa, possuíam obrigações, trabalhavam nas fábricas e não eram poupadas de situações como morte e doença. Em algumas famílias até tomavam conhecimento da vida sexual dos pais, pois muitas casas não possuíam estrutura para abrigar a quantidade de filhos que tinham, o que resultava no compartilhamento de quartos. Segundo Zilberman (1984), a literatura para crianças surgiu no século XVIII, uma época em que houve muitas mudanças na estrutura da sociedade, a decadência das epopeias e das tragédias que eram gêneros clássicos, deram espaço ao drama, o melodrama e o romance. Além disso, o avanço das técnicas de industrialização das fábricas colaborou para o aumento da produção em série de fácil distribuição e consumo. Neste contexto, surge a literatura infantojuvenil, mas, seu aparecimento têm características próprias, advém da ascensão da família burguesa e de um novo olhar sob a infância, aliado a uma reorganização na escola.

Entretanto, o surgimento dessa literatura não era livre de segundas intenções, os muitos exemplos que temos de textos dessa época, selecionados pela escola, mostram claramente o interesse em reprimir, manipular, coagir e moldar a personalidade das crianças. Provavelmente, a ideia de literatura utilitária não surgiu recentemente, mas é algo antigo na sociedade. A relação literatura infantil–escola, faz parte da origem do gênero, ou seja, esta conexão surgiu porque a literatura infantil nasceu para cumprir o papel de educar a criança para a sociedade moderna que se aproximava.

De acordo com Zilberman (2005, p. 127), desde o começo da literatura infantil brasileira, no início do século XX, a poesia esteve presente, porém, acompanhava a estética parnasiana da época, que era pouco afeita ao gosto da criança.

A partir da década de XX, com a implantação do programa modernista, é que surgem textos realmente pensados para as crianças, ressaltando técnicas e intervenções libertárias. Dessa forma, muitos poetas modernos brasileiros escreveram para crianças. Sabemos que, a escrita voltada para esse público possui suas particularidades, suas diferenças, caso contrário, não seria necessária a distinção entre literatura para adultos e literatura para jovens e crianças. “Produzir versos pensados na literatura infantojuvenil é estabelecer uma relação entre brincar e aprender, o traço lúdico é fundamental nos poemas pensados para os leitores infantis. “A valorização do lado lúdico da linguagem que proporcionou a expansão da poesia endereçada à infância, a partir dos anos 80.” (ZILBERMAN, 2005, p. 129)

Introduzir a poesia na sala de aula, não se resume a apenas pedir que os alunos leiam, mas é necessário fazer disso um ato de exercício crítico. Com esse interesse temos oficinas literárias que permitam os alunos ter contato com a literatura. Essas oficinas devem orientar os leitores e fazer com que eles descubram a leitura. É preciso apresentar a literatura para as pessoas, desconstruir preconceitos, romper barreiras e intervir nessa rejeição que muitas pessoas têm da literatura e da poesia, de modo geral. Além disso, a poesia não deve ficar apenas nas aulas ministradas, mas deve ser aplicada no contexto de mundo em que se vive, levada para as casas, para o trabalho, para os lares. A poesia é de extrema importância para a vivência humana, está presente no dia a dia e é uma linguagem cada vez mais necessária por ser uma das mais representativas formas de arte.

Diferente da prosa, o texto poético não tem a intenção de dar as respostas ao leitor, mas de deixar as perguntas para serem respondidas e pensadas. A poesia parece ser difícil porque possui uma linguagem específica, repleta de figuras de linguagem, metáforas, anáforas, metonímias, paráfrases, entre outras, o que pede uma leitura mais cautelosa e minuciosa, sempre procurando ler nas entrelinhas o que o poeta não diz. Quando um leitor desavisado ou iniciante se propõe a ler a poesia como se estivesse lendo a prosa, se depara com dificuldades e tende a desistir desse gênero. Como diz Pinheiro: “A leitura de textos poéticos têm peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidados que a prosa.” (PINHEIRO, 2002, p. 23)

4. Formando o leitor

O ato de dar à poesia uma visibilidade merecida em sala de aula, não se resume apenas a levar textos poéticos e, por fim, pedir que os alunos respondam provas, questionários, fichas, ou atividades semelhantes. Tomando como base o livro de Hélder Pinheiro, *Poesia na sala de aula*, pode-se extrair estratégias sugeridas pelo autor em sua pesquisa:

A estratégia mais utilizada no trabalho inicial com a *Antologia* era a leitura silenciosa pelos alunos e depois uma leitura já anteriormente preparada, feita em voz alta pelo professor. A partir daí, os alunos reliam livremente os versos e estrofes de que mais gostavam, comentavam e discutiam-nos. (PINHEIRO, 2002, p. 73)

Além dessa estratégia proposta por Pinheiro, outras como, deixar os alunos escolherem os livros e poesias que querem trabalhar, ler e estudar também é algo que funciona bem, pois sem conhecer propriamente o conteúdo do livro, os estudantes podem se identificar com os outros recursos visuais de que esse material dispõe, como ilustrações, título, sinopse e capa. Desse modo, os alunos iniciam a leitura já tendo passado por um pequeno processo de escolha e de identificação com o gênero.

É certo que, existe uma clara falta de poesia nos livros didáticos, vejamos essa afirmação também em Pinheiro:

“A carência de poemas nos livros didáticos, refiro-me aos de 5.^a a 8.^a séries – é facilmente constatável. Mas não se trata apenas de carência: os poucos textos de poesia se ressentem de uma abordagem mais lúdica, prazerosa, menos racional e pragmática.” (PINHEIRO, 2002, p. 72)

O fato de os livros didáticos não abordarem e não investirem na poesia um reconhecimento merecido, não quer dizer que haja escassez de poetas e de poemas para crianças e adolescentes, além dos muitos poemas que temos em nosso acervo literário para “adultos”, mas que podem facilmente ser levados para as crianças, sempre pensando na perspectiva Lobatiana que nos diz que, todos os assuntos podem sim ser falados com as crianças, contanto que, se tenha uma linguagem adequada e sensível para esse público.

Mas, existe um acervo de grande qualidade que foi escrito pensado primeiramente nesse grupo de leitores infantojuvenis, os poetas paraibanos: Sérgio de Castro Pinto e André Ricardo Aguiar são exemplos de poetas que produziram livros de poesia que se encontram mais perto da linguagem infantojuvenil. Vejamos exemplos de poemas de Sérgio de Castro Pinto, presentes em seu livro *Zôo imaginário* (2005):

A juba / sol de pêlos / ao redor / da cabeça // a fulva juba flameja: // estrela / de
primeiríssima / grandeza!

Nesse poema, o poeta traça uma estrutura rítmica que facilmente chega aos ouvidos do leitor, nota-se que isso é um traço seu, pois a sonoridade é encontrada em vários outros poemas de sua autoria:

As cigarras / são guitarras trágicas. / plugam-se/se/se/se/se / nas árvores / em dós sustentidos. /
kipling / recitam a plenos pulmões. // gargarejam / vidros / moídos. / o cristal dos verões.

André Ricardo Aguiar é um outro exemplo de poeta paraibano, em meio a sua produção, Aguiar dedicou-se também a escrever um livro de poesias para crianças, *Chá de sumiço e outros poemas mal assombrados* (2013), um livro que possui 25 poemas lúdicos, líricos, mas que também brincam com o medo, trazendo personagens de terror – Frankenstein, vampiros, bruxas, almas penadas, coveiros, bichos – papões –, em situações conflituosas do dia a dia, que os tornam mais próximos da realidade das crianças. Além disso, os poemas são curtos e bem-humorados.

Último conselho

Se for morar no cemitério / e não se der bem com os vizinhos,
relaxe. // Melhor fingir-se de morto.

A noiva do Frankenstein

Quando Frankenstein / pediu a mão da sua noiva em casamento / ela não se fez de rogada: / deu, /
mas perguntou o porquê. // Ao que o monstro respondeu: / - Gosto de levar comigo um pedaço de
você.

Sono de morcego

Que nó cego / é o sono do morcego / com essa mania de pingente! / É de sua laia /sempre dormir /
nesse estilo / tomara que caia.

Além dos livros citados acima, um outro bom exemplo que temos de poesia infantojuvenil, é o livro do Sérgio Capparelli, *Restos de Arco-Íris* (1985), nesse livro, encontramos versos coloquiais e até melancólicos, e diferente dos livros citados acima, esse possui poemas mais extensos. Capparelli é conhecido como um dos autores que mais entendem a juventude brasileira. As poesias dessa obra são pensadas no período de transição que a criança deixa de ser criança e dá espaço a um novo ser, o jovem. Algumas poesias tentam apresentar respostas para as muitas indagações que

rondam as cabeças das crianças/adolescentes nesse período de transição, e além disso, proporcionar ao jovem uma voz para os seus sentimentos.

Horas essas

Sei não, difícil explicar / tem horas em que a gente se esvazia, / assim como um balão, / devagarinho, / perdendo o ar. / Sabe, nas horas essas, / a gente cai da bicicleta e do rolimã, / as pandorgas arrebetam a linha / e o cachorro mais manso / mostra os dentes, morde o ar. / Nas horas essas, / mamãe manda calar / está ocupada, você não vê? / Sabe, nas horas essas, sei não, / a gente tem uma vontade doida de morrer por aí, / desatar o nó na garganta / e quebrar o alçapão.

Falava com Lico

Pois é, Mariana viajou, / Ela não se dá conta / de que é meu amor. / Engraçado, a gente / fica meio bobo, / boi sonso mugindo / na canga da dor.

A primeira cerveja

Não sei por que, logo agora, / com o Café vazio, / crio coragem, ocupo a mesa, / “Uma cerveja, garçom?” / “Quantos copos?” “Um.” / Ele vacila. “E a tua idade?” / “Dezoito.” “Ah, bom!” / e se abaixa atrás do balcão / *tump*, ecoa a tampa / e ele tem nas mãos o abridor, / desconfia que sou menor, e sou, / empertigo, estufo o peito, / me vejo no vidro em desalinho / e me inquieto / na primeira cerveja que peço sozinho, / onde o Lico? O Antônio? O Alfredo? O Dino? / e a cerveja enche o copo / faz colarinho / e sinto no ar a pergunta / “Que idade tem esse menino?” / e eu bebo, devagar eu bebo, / e saboreio o amargo do levedo, / queria que me visses, Mariana, / embora em desalinho, / pois eu sou um homem, não sou mais menino, / na primeira cerveja que bebo sozinho.

6. Resultados e Discussões

Aplicando esses estudos na prática de sala de aula dos alunos da escola Mais Positivo, situada no município de Cabedelo, Estado da Paraíba (PB), nas séries do 6º e 7º anos do ensino fundamental, obtivemos grandes e positivos resultados. A série do 6º ano: composta por dez alunos, cinco meninas e cinco meninos, entre eles, a grande maioria estava habituada a ler, apenas dois não se sentiam à vontade e se recusavam a ler para a turma. Os outros oito, gostavam de ler em voz alta e se sentiam à vontade, mas ainda não haviam tido contato com a literatura. Os livros que liam eram apenas os paradidáticos indicados pelo currículo escolar e os textos do livro didático que, nem

sempre podem ser classificados como literatura. No decorrer de nossos encontros em sala de aula, conseguimos, primeiramente, diminuir a barreira da leitura que existia entre os dois alunos, delicadamente fomos estabelecendo acordos para que eles também participassem das leituras em voz alta, como não queriam ler textos grandes, deixei que escolhessem textos mais curtos, contanto que se esforçassem para ler. Além disso, principalmente para esses dois alunos que tinham mais dificuldade, deixava-os para ler por último, para que tivessem mais tempo de treinar, e todos liam primeiro silenciosamente, com a intenção de que se sentissem mais seguros no momento da leitura em voz alta. Aos poucos, fomos percebendo o interesse pela leitura também nesses alunos, e a quebra do medo da insegurança e da timidez.

7º ano: Turma composta também por dez alunos, sendo duas meninas e oito meninos, mas, apenas três demonstravam entusiasmo pela leitura, da mesma forma que foi feito na outra turma, cautelosamente deixei que escolhessem os textos com os quais se identificavam mais, começando por mais curtos, depois indo para maiores, e deixando-os recitar o versos que mais gostassem, para toda a turma. Realizamos com essa turma, uma oficina de cordel, na qual cada grupo produziu seu próprio livreto e texto poético para expor na escola. Com as duas turmas fizemos um Sarau Literário, utilizando diversos livros de poesia, inclusive os que foram citados nesse artigo, cada aluno pôde escolher o poema que iria recitar, e os mais desinibidos recitaram até mais de um poema. Desse modo, nas duas turmas, conseguimos uma melhora significativa de participação e interesse dos alunos. Na primeira turma, apenas um, de nove alunos não demonstrou interesse em dar continuidade a leitura literária em casa. Na segunda, três de oito alunos não demonstraram interesse em se aprofundar nas leituras, sozinhos.

É de suma importância considerar que o professor não é o único responsável pelo sucesso de leituras poéticas e atividades escolares, mas que esse é um trabalho em conjunto que depende diretamente da interação e do interesse dos alunos e também das possibilidades que a escola fornece. O professor tem vários papéis de grande responsabilidade, como ser um leitor, apresentar textos poéticos para a turma, possibilitar que haja o contato dos alunos com esse gênero, além de auxiliar, encaminhar e ser mediador entre os estudantes e a literatura, mas, apenas esses aspectos não formam um leitor literário, é preciso que haja uma junção das três camadas: ESCOLA + PROFESSORES + ESTUDANTES.

Conclusão

A atividade da poesia vem sendo classificada como uma das formas mais eficazes para trabalhar o desenvolvimento das habilidades motoras e sensoriais das crianças e jovens. É um dos meios que temos para desenvolver o pensamento crítico, a capacidade linguística, através da intimidade com a linguagem conotativa, e aumento da sensibilidade para compreensão de si própria e do mundo, o que faz da poesia também um degrau indispensável entre o indivíduo e a vida. É muito importante ter o apoio do professor e da escola quando se trabalha o gênero literário, pois a sala de aula, acima de tudo é um ambiente de criatividade e inventividade. A poesia casa perfeitamente com as características do público infantojuvenil: imaginosa, fantasiosa, alegre e espontânea. É nessa gratuidade da poesia que os jovens encontrarão respostas para muitos de seus dilemas pessoais, não com a obrigação de se tornarem poetas (a escola não é responsável por isso), mas sujeitos poéticos donos de sua própria leitura, críticos, pensantes e sensíveis à leitura poética. Desse modo, alunos e professores sensibilizados ao texto literário, a poesia cumprirá o seu papel.

Referências

AGUIAR, André Ricardo, *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*. Belo Horizonte: Autentica. 2013.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CAPPARELLI, Sérgio. *Restos de Arco-Íris*. 8 ed. Porto Alegre: L&PM, 2005.

PINHEIRO, Helder. *Poesia na sala de aula*. 2. ed. João Pessoa: Ideia, 2002.

PINTO, Sérgio de Castro. *Zôo Imaginário*. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

Notas

Chá de sumiço e outros poemas assombrados – sinopse. Disponível em: <<http://grupoautentica.com.br/autentica-infantil-e-juvenil/livros/cha-de-sumico-e-outros-poemas-assombrados/908>> Acesso em: 19/maio/2017.

GERBARA, Ana Elvira. Reflexões sobre o ensino da poesia. Disponível em: <<http://portuguesdeosasco.blogspot.com.br/2011/05/reflexoes-sobre-o-ensino-de-poesia.html>> Acesso em: 15/maio/2017.

SILVA, Eliseu Ferreira. Como e por que trabalhar poesia na sala de aula. Disponível em: <<http://www2.uefs.br/dla/graduando/n2/n2.21-34.pdf>> Acesso em: 15/maio/2017.